

CARLOS MOEDAS
DISCURSO TOMADA DE POSSE
COMO PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA
GARES MARÍTIMAS, 11 DE NOVEMBRO DE 2025

Sr^a. Presidente da Assembleia Municipal **cessante**,

Sr. Presidente **Cavaco Silva** e Primeira Dama **Maria Cavaco Silva**,

Sras. e Srs. Membros do Governo,

Srs. Presidentes dos partidos,

Sr. Governador do Banco de Portugal,

Sr. Primeiro Ministro Pedro Passos Coelho,

Sras. e Srs. Deputados e, meu querido deputado europeu
Sebastião Bugalho,

Sras. e Srs. Embaixadores,

Srs. Presidente da Câmara Municipal do Porto **Pedro Duarte**
e permitam-me uma palavra muita amiga e comovida.

Aos Presidentes da Câmara da Área Metropolitana de Lisboa
(Nuno Piteira, Ricardo Leão, Isaltino Moraes, Marco Almeida
e Hugo Luís),

Sras. e Srs. Vereadores cessantes e Sras. e Srs. Vereadores
Eleitos,

Sras. e Srs. Presidentes das Juntas de Freguesia,

Sras. e Srs. Deputados Municipais,

Srs. Presidentes do **Benfica e do Sporting** e neles saúdo todos os presidentes dos clubes de Lisboa,

Querida Ex-Ministra Dr.^a **Manuela Ferreira Leite**, Ex-Vice-Primeiro Ministro **Paulo Portas**, Ex-Ministro e Comissário Europeu **Phil Hogan**,

Ao monsenhor **Francisco Simas Simões** em representação do Patriarca de Lisboa e todas as autoridades religiosas, militares, académicas e da sociedade civil,

Trabalhadores da Câmara Municipal de Lisboa,

Senhoras e Senhores,

Bernardo Soares, o heterónimo de Pessoa através do qual ele nos deixou a sua obra mais aclamada¹, escrevia que:

Amava o Tejo - porque Lisboa estava à beira dele;

Admirava o céu - porque o via de um quarto-andar da Baixa;

Que nada lhe era igual à cidade sob o luar, vista da Graça ou de São Pedro de Alcântara.

¹ Fernando Pessoa, *Livro do Desassossego* (Lisboa: Assírio e Alvim, 2014), §50.

Podemos dizer que é assim que todos nós nos sentimos ao olhar para esta extraordinária cidade.

Sentimo-nos como se Lisboa por si só nos enchesse a alma;
Como se Lisboa nos bastasse.

Lisboa tem para todos nós o seu significado próprio, e essa evidência é testemunho da sua riqueza.

Mas Lisboa é também muito mais do que a nossa perspetiva, do que a nossa parcialidade.

Lisboa é decisivamente o que **temos em comum**.

É o que partilhamos uns com os outros.

É o que está mesmo aqui diante de nós:

As ruas por onde andamos; os jardins por onde passeamos;
as praças onde convivemos.

Lisboa é este nosso “mundo comum”, este mundo que juntos partilhamos.

Alegra-me usar uma terminologia assim num local e num momento como este:

Num local onde a nossa Lisboa toma forma nos murais de Almada Negreiros;

E num momento em que ainda há um mês celebrámos os 115 anos da Implantação da República, aqui nesta cidade.

E se a procurarmos as origens da palavra?

Se a procurarmos na experiência daqueles nossos antepassados, romanos e gregos, que a descobriram?

A República é exatamente o nosso mundo comum, é aquilo que partilhamos: é a Polis, ou a Cidade-Estado, é a *res publica*, a coisa pública.

Neste sentido, Lisboa é a nossa mais presente e diária *res publica*.

É o mundo em comum que temos de cuidar e preservar.

Daqui advém a responsabilidade que hoje nos é dada.

É a responsabilidade de cuidar e preservar esse nosso **mundo comum** que é Lisboa – uma responsabilidade que, ao ser-nos dada, transforma-nos a todos.

Falava da experiência dos antigos sobre a República, e creio que oportunamente o fiz, porque também eles diziam algo marcante sobre esta responsabilidade:

Que ao entrar na vida política, é *como se a pessoa, para além da sua vida privada, recebesse uma segunda vida.*²

Uma outra vida em que abandonamos a nossa parcialidade e nos tornamos cuidadores deste mundo que partilhamos.

É assim principalmente para quem carrega em si a função de governar – sempre o foi e sempre o será, tanto na vida das maiores nações como no dia-a-dia das grandes cidades do mundo.

Senhoras e Senhores,

Foi exatamente essa função que os Lisboetas nos concederam quando nos deram uma clara vitória eleitoral do dia 12 de outubro.

Reforçaram a confiança no nosso projeto político e social.

Foi essa a vontade dos lisboetas, da qual, enquanto eleitos, somos expressão e seremos certamente continuadores. É nosso dever respeitá-la.

E hoje estamos aqui para governar.

² Hannah Arendt, *A Condição Humana*, trad. Roberto Raposo (Lisboa: Relógio D'Água, 2001), p. 40.

Governar é acima de tudo deliberar, decidir e agir.

E quero deixar-vos um compromisso. Deixar-vos uma ambição. Se em 2021 vos prometi que seríamos Capital Europeia da Inovação e, quando ninguém acreditava, fomos mesmo, hoje queremos ser e conquistar mais.

Nos próximos anos queremos ser:

Capital Mundial da justiça social.

Capital Mundial da Inovação.

Capital Mundial da Cultura.

Não temos medo de sonhar em grande e esse sonho deve ser não só de Lisboa, mas da nossa Área Metropolitana.

[habitação]

Desde logo na habitação, que na última década se tornou uma urgência para cada vez mais famílias.

Vamos continuar a ter a habitação como prioridade máxima e em particular a habitação jovem.

Serão 700 casas a reabilitar nos bairros históricos da cidade, que serão usadas em arrendamento acessível para jovens.

Dessas, 100 estão já a ser reabilitadas.

Temos ainda, também, quatro novas centralidades para construir em Lisboa: o Vale de Chelas, o Vale de Santo António, o Casal do Pinto, a Quinta do Ferro.

São obras que demorarão o seu tempo – e eu sempre o disse; mas são obras que farão a diferença no futuro da cidade.

A cidade nova que se faz não se vê imediatamente, mas é ela que perdura. Como outrora os meus antecessores sonharam com a **Expo** ou com a **Alta de Lisboa**.

[segurança]

Agiremos também na segurança, na segurança que durante tanto tempo foi reduzida a um mero problema de “perceção”.

Para as pessoas este é um tema real e concreto.

É um tema que preocupa avós, pais e filhos e nós temos de atuar em conformidade com essa preocupação.

Neste campo, fomos e seremos ainda mais exigentes para com o Governo.

Exigimos ao governo **mais** Polícia de Segurança Pública e **mais** Polícia Municipal. É um imperativo.

Continuaremos a colocar mais vídeo-proteção e voltaremos aos guardas noturnos. Porque com isso dissuadimos e identificamos o delito.

É do nosso interesse mútuo, pois mais segurança em Lisboa significará necessariamente mais segurança no país.

[higiene urbana]

Os lisboetas confiaram-nos também uma tarefa fundamental: **fazer a reforma da higiene urbana da cidade.**

Vamos propor o fim da **delegação de competências** entre a Câmara e as Juntas de Freguesia na limpeza e recolha dos eco-pontos;

Vamos propor 6 dias por semana em todas as freguesias para a recolha do lixo comum e de grandes volumes.

Estou certo de que é de todos o objetivo de trabalhar por uma cidade mais limpa – **façamo-lo todos juntos.**

[Estado Social Local]

Vamos continuar a construir um Estado Social Local, aprofundando o que fizemos ao longo do anterior mandato.

Com mais centros de saúde e com mais creches para as famílias lisboetas.

Vamos lançar um programa de rastreio gratuito do cancro do pulmão e do cancro do cólon para todos os lisboetas.

Tal como fizemos para as mulheres lisboetas, que hoje têm acesso a mamografias gratuitas.

Este é o Estado Social Local que estamos a construir em Lisboa.

Não por considerarmos que devemos substituir o Estado Social Nacional, mas sim para complementar esse Estado Social. E porque sabemos que podemos fazer mais e melhor por estarmos mais perto das populações.

[espaço público]

Cuidar deste nosso espaço comum que é Lisboa significa também cuidar do espaço público.

Das nossas ruas e praças. Dos nossos parques e jardins.

Dos lugares onde convivemos com família, com amigos, com vizinhos.

Esta nossa relação com a cidade exprime-se da melhor forma no nosso espaço público.

É nele que se materializa a ***unidade da paisagem*** que tantas vezes falava Gonçalo Ribeiro Telles.

Tal como Ribeiro Telles, também nós queremos que essa **unidade da paisagem** se faça com mais espaços verdes.

Por isso os próximos quatro anos vão ser intensos na sua renovação: desde a requalificação da **Tapada das Necessidades** e da transformação do Parque **Papa Francisco** à renovação do nosso notável Parque do Monsanto.

[cultura]

Se a forma da cidade está no espaço público, a sua identidade está sem dúvida na sua cultura.

Numa cultura que tem de ser ao mesmo tempo tradição e modernidade.

Tradição: É crucial que o governo ponha fim ao **licenciamento zero** que está a destruir a identidade do nosso comércio local.

Continuaremos a fazer de Lisboa uma capital onde a cultura é acessível a todas as pessoas, começando com os mais jovens com o nosso futuro programa: **cultura na escola**.

É nesse sentido que queremos levar a cultura às ruas das nossas freguesias, dando oportunidade a novos artistas para mostrarem o melhor que fazem com **mais teatros em cada bairro**.

Mas é também a partir daqui destes murais que estamos a criar "Lisboa: a nova morada da arte contemporânea e moderna da Europa."

[Inovação]

Tal como continuaremos a fazer de Lisboa uma cidade de oportunidades através da inovação.

E a inovação não é mais do que: **mais e melhor emprego corrigindo as desigualdades**.

Este será o caminho dos próximos quatro anos: continuar a criar emprego através da inovação.

Amanhã lançamos os escritórios do nosso décimo sétimo unicórnio.

[combate à burocracia]

Fazê-lo depende também do modo como a Câmara Municipal se apresenta aos cidadãos.

A nossa visão é a de uma Câmara Municipal que facilita a vida às pessoas, às instituições e às empresas. Não de uma Câmara Municipal que a complica.

Eu não tenho dúvidas de que a excessiva carga burocrática associada a taxas e processos municipais complica e frustra muitas vezes a vida das pessoas.

Será preciso aliviar essa carga burocrática: **Reduzindo. Simplificando. Eliminando.**

[mobilidade e ação climática]

Continuaremos também o caminho que temos traçado na **mobilidade e na ação climática**.

Foi esse o caminho iniciado ao implementar transportes públicos gratuitos para os jovens e idosos.

Foi esse caminho que iniciamos com o primeiro túnel de drenagem que será concluído neste mandato.

Hoje é tempo de iniciar dois grandes projetos ligando Lisboa a Loures e a Oeiras através de um novo Metrobus e de um novo elétrico.

Duas novas ligações que vão servir dezena de milhares de pessoas como alternativa ao uso do automóvel.

Esta é exatamente a nossa visão para a mobilidade:

Criar alternativas e opções para a vida das pessoas; não impor proibições.

Senhoras e Senhores,

Como fica patente, temos um plano de ação claro, temos medidas concretas, estamos preparados para trabalhar.

Um trabalho que será de dedicação diária, plena, exclusiva.

Lado-a-lado com os **serviços da Câmara Municipal**, com os nossos trabalhadores – que são quem dedica a sua vida a Lisboa, todos os dias.

A todos os trabalhadores da Câmara Municipal, quero que saibam que conto convosco. Mas sobretudo quero saibam que contam comigo sempre: obrigado por tudo.

Senhoras e Senhores,

À minha equipa, que se encontra aqui hoje totalmente consciente do seu dever neste dia em que assume responsabilidades cívicas;

A todos os membros do executivo municipal;

A todos os membros da Assembleia Municipal;

A todos os Presidentes de Junta de Freguesia e membros de Assembleia de Freguesia;

A todos e a todas quero deixar uma saudação especial.

Porque todos carregamos a responsabilidade que dá forma àquela “**segunda vida**”, a “**vida cívica**” que nos é dada ao assumir cargos públicos. Pelo bem comum.

Todos temos a missão de cuidar e preservar esta nossa *res publica* que é Lisboa.

Uns, como eu, fá-lo-ão governando;

Outros o farão exercendo as funções de oposição.

É assim a natureza da democracia e também a sua riqueza.

Hannah Arendt que **por aqui passou** nesta gare marítima dizia que *o “mundo comum” acaba quando é visto apenas sob um aspeto e só lhe é permitida uma perspetiva.*³

O pior que poderíamos fazer à democracia seria impor-lhe as nossas idiossincrasias – e tal vale para quem governa, como para quem está na oposição.

Quem exerce o governo deve governar, dialogando e encontrando compromissos.

E quem exerce a oposição deve deixar governar, fiscalizando a ação de quem governa.

Tendo em conta a pluralidade das forças que compõem o executivo, não nos podemos esquecer quem os lisboetas mandaram para governar.

Para prosseguir e cumprir um programa.

³ Arendt, *A Condição Humana*, p. 73.

Não haveria instituição que funcionasse sem o respeito por esse mandato. Sem o respeito pelas escolhas do povo. Não haveria democracia que funcione sem essa estabilidade.

Por isso da minha parte terão, como desde o primeiro dia, a abertura ao diálogo e ao compromisso para cumprir a vontade das pessoas, não as vontades partidárias.

A partir de hoje quem se senta neste executivo deve ter a responsabilidade e a consciência que representa os lisboetas, não interesses partidários.

Eu serei o garante de que os lisboetas estarão sempre em primeiro lugar.

Senhoras e Senhores,

Lembro-me hoje das primeiras páginas de um dos livros mais bonitos que já li, de **Gabriel García Márquez**.

Em que, naquele imaginário do realismo mágico, um vendedor ambulante mostrava à pequena aldeia as novas invenções trazidas do outro canto do mundo.

Perante o espanto geral, o vendedor dizia:

*As coisas têm vida própria, tudo é questão de lhes despertarmos a alma.*⁴

Também assim o é com a coisa pública, com a cidade que partilhamos em comum.

A alma de Lisboa é o seu carácter próprio, único e indelével.

Depois de 4 anos como Presidente da Câmara posso dar-vos uma certeza: **não há nada no mundo, nada, que se compare à alma desta nossa cidade.**

E é a ela que tenho hoje o privilégio de dizer:

Lisboa,

por ti,

por todos os Lisboetas, por todos nós:

Conta com a nossa total dedicação e devoção.

Para continuar a despertar a tua alma.

Essa tua alma onde a Justiça Social se cruza com Inovação e com a Cultura para um mundo melhor.

Lisboa Capital Global. Lisboa de uma vida melhor. Lisboa das nossas vidas.

⁴ Gabriel García Márquez, *Cien Años de Soledad* (Madrid: Penguin Random House, 2003), p. 10.

Obrigado, Lisboa.

Obrigado, lisboetas.